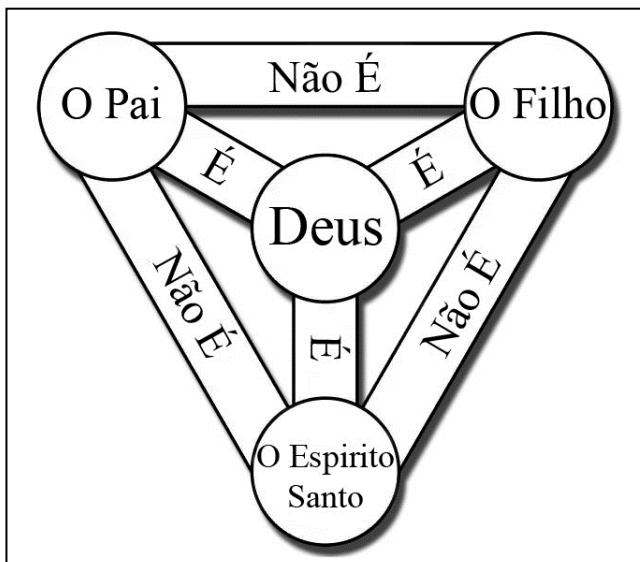


A DOCTRINA DA SANTÍSSIMA TRINDADE



"Há coisas que não sabemos, e elas pertencem ao SENHOR, nosso Deus; mas o que ele revelou, isto é, a sua Lei, é para nós e para os nossos descendentes, para sempre. Ele fez isso a fim de que obedecêssemos a todas as suas leis."
(Deuteronômio 29.29 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

Nenhum livro isolado ou biblioteca, ou mesmo todo conhecimento reduzido à forma escrita, pode conter e expressar toda a verdade sobre a Santíssima Trindade. É inútil esperar que um estudo bíblico, por mais exato e completo que ele seja, possa expor a verdade inteira sobre o assunto. Há coisas que

Deus simplesmente não nos revelou. A passagem bíblica citada inicialmente é uma declaração desse aspecto imensurável. Os que acreditam na Trindade são obrigados a conviver com um Deus a quem não conseguem compreender plenamente. Nada disso, porém, diminui a importância da pesquisa bíblica séria, mediante corretos métodos de estudo bíblico.

A doutrina da Trindade é, talvez, a doutrina mais misteriosa e difícil que nos é apresentada em toda a extensão das Sagradas Escrituras. A tripersonalidade de Deus é exclusivamente uma verdade da revelação, uma verdade que fica fora do âmbito da razão natural. **O que podemos aprender sobre a Santíssima Trindade vai até o limite daquilo que o próprio Deus revelou a nós.** Algum dia, quando virmos a Deus, iremos vê-Lo e O entenderemos melhor que agora. Mas, mesmo então, não O compreenderemos totalmente.

Ao se refletir sobre as Escrituras, com relação à Santíssima Trindade, há quatro verdades importantes que determinam como o cristão vê o ser divino. São elas:

1. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são, todos, adorados como Deus. Isso indica que há diferenças em Deus. Entretanto, essas diferenças não multiplicam Deus, afinal isso resultaria em um triteísmo.
2. Não só há diferenças, como os três são irreduzíveis a um ou a outro. O Pai não é o Filho, nem o Filho, o Espírito Santo. Cada um é único, imutável e eterno.
3. Os três estão em comunhão eterna, cada um com os outros.
4. Há uma hierarquia consistente em que o primeiro é o Pai, o segundo é o Filho e o terceiro é o Espírito Santo.

Todas as tentativas de representar a doutrina da Trindade de maneira adequada são vãs – mesmo quando utilizamos figuras representativas, como a composição do ovo ou os estados físicos da água. Mas as quatro verdades acima servem como ponto de partida para o estudo da triunidade divina que, embora seja inescrutável – porque não há analogias a ela em nossa experiência finita – ela não é contraditória. O que precisamos é distinguir adequadamente os termos “pessoa” e “natureza”.

A Trindade divina é um fato por si e em si. A doutrina da Trindade é o resultado da reflexão sobre esse fato. Ela não determina o ser divino; apenas nos permite compreender um pouco como é Deus em seu ser triúno. **O fato de que Deus existe como uma Trindade é claramente revelado na Escritura; mas o modo particular em que as três pessoas existem não foi revelado.**

1. O CONCEITO DE TRINDADE

O termo “Trindade” em si não ocorre na Bíblia. Ele tem origem no vocábulo grego τριάς (*trias*) e significa tri-idade ou três-em-idade. A palavra foi utilizada pela primeira vez por Teófilo de Antioquia (181 d.C.) para se referir a união de três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em uma só Divindade, sendo iguais, eternos, da mesma substância, embora distintas, sendo Deus cada uma dessas Pessoas (cf. Mateus 18.19; 1Coríntios 12.4-6; 2Coríntios 13.13; Efésios 4.4-6; 1João 5.7).

O Credo de Atanásio elaborado no século IV pelas maiores confissões do cristianismo – Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Ortodoxa e a maior parte dos protestantes – para reafirmar a doutrina cristã tradicional da Trindade, declara: *“Veneramos um Deus na Trindade e a Trindade na unidade; sem confundir as pessoas nem dividir a substância [essência]; pois há uma pessoa do Pai, outra do Filho e outra do Espírito Santo; mas a natureza divina do Pai e do Filho e do Espírito Santo é uma, a glória deles é igual, a majestade deles é coeterna”*.

2. A UNIDADE E DIVERSIDADE EM DEUS

Apesar da Santíssima Trindade se manifestar através de três pessoas da mesma substância, poder e eternidade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo –, isto não significa que haja já três deuses. A Palavra de Deus declara que há somente um Deus único e verdadeiro. Na “matemática de Deus”, $1+1+1=1$. Entre os textos proeminentes que ensinam a unidade de Deus e também sua absoluta singularidade então:

“Ouve, ó Israel: O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR.” (Deuteronômio 6.4)

“Assim diz o SENHOR, Rei de Israel, seu Redentor, o SENHOR dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e sou o último, e além de mim não há Deus.” (Isaías 44.6)

Esse mesmo ensino foi desenvolvido pelo apóstolo Paulo quando a igreja primitiva estava começando a se debater a respeito da pluralidade na unicidade de Deus. Ao ordenar que os efésios mantivessem a unidade na fé, Paulo baseou sua ordem na unidade de Deus:

"Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por todos e está em todos." (Efésios 4.5-6)

Embora exista só um Deus, ele existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Mas note bem, essa afirmação não trata da pluralidade dos deuses, mas uma pluralidade dentro do um absoluto, o Deus revelado na Bíblia. Em outras palavras, existe diversidade dentro da deidade. Mas como pode haver uma pluralidade de pessoas em um Deus? Na oração sacerdotal de Jesus, ele falou dessa pluralidade quando orou: *"para que sejam um [natureza], assim como nós [pessoas] somos um [natureza]"* (João 17.22). E o apóstolo Paulo se apropriou desse conceito e o aplicou aos gálatas ao escrever: *"porque todos vós [pessoas] sois um [natureza] em Cristo Jesus"* (Gálatas 3.28).

Uma vez que há três que são um Deus, e esses três não são a única e mesma pessoa, mas três pessoas diferentes, deve haver algo que o distingue um dos outros; e a distinção entre eles não é meramente nominal, o que não seria distinção de modo algum. O Pai, o Filho e o Espírito Santo podem ser distinguidos, mas não separados; pois cada um possui a mesma substância. Eles permeiam um aos outros e se interligam. Eles se incluem e se transpassam entre si.

3. A TRINDADE NAS ESCRITURAS E A IGREJA PRIMITIVA

Não há a elaboração de uma doutrina trinitária nas Escrituras. O que há é a presença da fé trinitária através de citações de sua existência. A Trindade é composta de pessoas distintas objetivas umas com as outras. **Em vez de subordinação e dependência, os termos bíblicos Pai/Filho indicam semelhança: seja o que for o Pai, o Filho também é.** É claro que, a função de um membro da Trindade pode, por vezes, se subordinar a um ou aos dois outros membros, mas isso não significa que algum deles possa ser inferior em essência. Cada uma das três pessoas da Trindade teve, em certo período, uma **função específica exclusiva**. Isso deve ser entendido como uma função temporária no intuito de cumprir determinado objetivo, não uma mudança em seu status ou essência. Trata-se, então, de uma **subordinação funcional**. Nos escritos de João, Pai, Filho e Espírito Santo são pessoas divinas e distintas, que têm diferentes funções. **O Pai é o autor do plano de redenção; ao Filho é atribuído o trabalho de redenção; e ao Espírito Santo, as obras de regeneração e santificação.** Cada uma dessas pessoas participa de algum modo do trabalho dos outros (cf. João 14.9, 11; 2Coríntios 5.19). Uma vez que cada uma das pessoas permeia as outras, seria possível concluir que todas as três possuem a mesma única natureza. Além disso, cada pessoa da Trindade contém em si mesma as outras duas. Cada uma se liga às outras e se permite ser ligada às outras.

Ser pessoal implica em um relacionamento eu-tu. Sem a Trindade de pessoas, Deus não teria um "tu" com quem se comunicar e a quem amar até a criação do homem. O conceito do triteísmo resultaria na perda da deidade no Filho ao morrer, resultando em um sacrifício incapaz de salvar a humanidade. Um Deus que é apenas unidade, mas em quem não há pluralidade, pode ser nosso juiz. Mas dentro daquilo que podemos ver, não pode ser o nosso salvador ou santificador.

O mistério da Trindade repousa na existência de uma trindade de relacionamentos em um Deus, e cada um deles é Deus em si, uma vez que possui toda a essência divina. Cada um é Deus, mas os três são apenas um Deus. São as relações pessoais que os distinguem um dos outros. As três pessoas da divindade são individualizadas em relação às outras, sem jamais se separar uma das outras.

O Antigo Testamento não expõe a doutrina da Trindade com a mesma clareza que encontramos no Novo Testamento. Isso se dá porque a revelação de Deus sobre si mesmo foi fornecida aos poucos, através do que chamamos de “revelação progressiva”. Apesar disso, diversos textos nos mostram a existência da Trindade por meio do uso de pronomes pessoais no plural acerca de Deus – “*E disse Deus: **Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança...***” (Gênesis 1.26a); “*Eia, **desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro***” (Gênesis 11.7); “*Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei? **Quem irá por nós?...***” (Isaías 6.8). Outro aspecto importante é que, na Bíblia, quando o termo “único” é aplicado a Deus, em vez de fazer uso do vocábulo hebraico יְהוָה (yāhîd = “solitário”, cf. Gênesis 22.2), o texto sagrado opta pelo vocábulo אֶחָד ('ahad = “ser unido”, cf. Deuteronômio 6.4), que indica **unidade composta** de duas ou mais entidades distintas. A mesma palavra é utilizada para descrever a união entre Adão e Eva.

No Novo Testamento a revelação da trindade de Deus é ainda mais inquestionável. Os textos bíblicos mostram sempre juntos o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Levando-se em conta que Deus é Único (cf. Isaías 43.10) e não divide a Sua glória com ninguém (cf. Isaías 42.8; Isaías 48.11), é interessante notar como o Pai, o Filho e o Espírito Santo são postos em pé de igualdade. A doutrina da Trindade não é ensinada por insinuação ou algo subtendido, mas por declarações ou demonstrações claras como na comissão apostólica – “*Fazei discípulos de todas as nações, batizando-os **em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo***” (cf. Mateus 28.19-20), na bênção apostólica – “*A **graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós***” (2Coríntios 13.13) e no batismo de Jesus – “*Depois de batizado, **Jesus saiu logo da água. E viu o céu se abrir e o Espírito de Deus descer como uma pomba, vindo sobre ele. E uma voz do céu disse: Este é o meu Filho amado, de quem me agrado***” (cf. Mateus 3.16-17). Repare que na fórmula batismal Pai, Filho e Espírito Santo, juntos, formam um nome, o nome de Deus (cf. Mateus 28.19), assim como a fórmula da bênção apostólica faz o pedido em nome dos três que, juntos, são um Deus (cf. 2Coríntios 13.13).

4. BIBLIOGRAFIA

ERICKSON, Millard J.. *Introdução à Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 127-139 p.

HARRIS, Laird R.; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K.. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão, Carlos Oswaldo C. Pinto São Paulo: Vida Nova, 1998. 47-48, 608 p.

STURZ, Richard Julius. *Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2012. 162-191 p.